

Teatro

5, 6 de julho 2014

Integrado no Festival de Almada

# Testament

**Testamento** Preparações tardias  
para uma nova geração a partir de *Lear*  
de She She Pop e os seus Pais

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Conceito** She She Pop **De e com** Sebastian e Joachim Bark, Johanna Freiburg, Fanni e Peter Halmburger, Lisa Lucassen, Mieke e Manfred Matzke, Ilia e Theo Papatheodorou, Berit Stumpf **Elenco em Lisboa** Sebastian e Joachim Bark, Peter Halmburger, Lisa Lucassen, Mieke Matzke, Ilia e Theo Papatheodorou **Cenografia** SSP e Sandra Fox **Figurinos** Lea Søvsø **Música** Christopher Uhe **Luz** Sven Nichterlein **Som** Florian Fischer **Assistência e Apoio dramaturgico** Veronika Steininger **Tradução** Miguel Figueiredo **Legendagem** KITA/David Maß e Anna Kasten **Produção e relações públicas** ehrliche arbeit – freelance office for culture **Produtora da companhia** Elke Weber **Uma produção** She She Pop **em coprodução com** HAU Hebbel am Ufer de Berlim, Kampnagel de Hamburgo e FFT Düsseldorf **financiada por** Cidade de Berlim, Cidade de Hamburgo e Fonds Darstellende Künste e.V. **Estreia** 25 de fevereiro de 2010, HAU Hebbel am Ufer, Berlim

**Sáb 5, dom 6 de julho**

**21h30 (dom às 17h) · Grande Auditório · Duração: 2h · M12**

**Em alemão com legendas em português**

Na primeira cena do *Rei Lear* de Shakespeare, o velho tenta deixar o reino às suas três filhas na esperança de assim garantir uma solução para a reforma – um plano que falha violentamente. Não é de admirar, já que, de todas as permutas em que nos envolvemos, a que se faz entre as gerações é a mais complicada e tortuosa. Valor e contravalor (ou seja, dinheiro e amor) estão sempre ocultados, ninguém aceitou oficialmente as condições desta troca. É assim com quase todos os acordos entre gerações: são vis. Nunca aconteceram. Não existem. O espaço que é preciso desocupar está cheio até cima com datas e pormenores, joias e árvores genealógicas, leis de descendência, doenças hereditárias, juramentos de amor, assistência ao domicílio, faturas do gás e sentimentos de culpa – todos sujeitos a negociação pública entre filhas e pais.

Para *Testament*, as She She Pop convidaram os seus pais a juntarem-se-lhes em cena. O teatro é a sala de audiências para um processo utópico: equilíbrio entre as gerações.

**I** Duvidas mesmo que isto se possa tornar numa conversa normal, não é?

**T** Claro. Não é de todo.

**I** Não consegues simplesmente ignorar o facto de que há uma câmara?

**T** Nem por isso. (*Pausa.*) Isto é uma conversa encenada. Tenho de citar Aristóteles: “Estin oun tragodia mimesis praxeos”. A mimese significa a imitação de uma ação e não a ação em si. O que estamos a fazer é uma imitação e não a ter uma conversa normal.

**I** (*Pausa.*) Não percebo. Não há guião.

Entrevista de Ilia com Theo, registada em vídeo em julho de 2009, Estugarda

O meu pai é velho e frágil e já quase não sai de casa. Mas para ser sincera, mesmo se ele tivesse menos 20 anos, não lhe teria pedido na mesma para vir para o palco.

Lisa no ensaio de 23.02.2010

– Irmã, não é pouco o que tenho a dizer sobre o que de perto nos diz respeito às duas. Creio que o nosso pai partirá daqui hoje à noite.

– É certo, e contigo. Para o mês que vem, conosco.

– Vês como os seus anos são plenos de mudanças; não foi pouca a observação que disso fizemos. (...)

– É a enfermidade dos anos. E no entanto só magramente se conheceu a si próprio.

– (...) Temos de esperar receber da sua idade não apenas as imperfeições da condição há muito enxertada, mas com elas a desobediência rebelde que consigo trazem os anos enfermos e coléricos.

– (...) Peço-te, sentemo-nos.  
– Continuemos a pensar nisto.

As filhas Goneril e Regan sobre o pai,  
Rei Lear

As botas de trabalho do pai serviram-lhe  
de alicerce / Oh, como ele estão can-  
sadas e gastas / Durante anos aguenta-  
ram-no em pé / As botas de trabalho do  
pai cumpriram a sua obrigação.

Dolly Parton sobre os sapatos do pai

Gostava que as coisas que nos afetam  
aos dois não ficassem escondidas.

De um e-mail de Jochen para Sebastian,  
setembro 2009

(...) Os ensaios contigo têm sido por  
enquanto muito divertidos – tanto  
durante o trabalho como depois. Estou  
aberto e curioso de ver como as coisas  
vão continuar entre nós, com que  
mais nos vamos deparar. Diz-me se te  
sentires desconfortável. Não há razão  
para desconforto da parte que me toca.  
Mesmo com todas as histórias antigas,  
isto para mim é muito mais uma viagem  
ao futuro do que ao passado.

Beijinhos,  
Sebastian

O carro está outra vez a funcionar  
na perfeição.

De um e-mail de Sebastian a Jochen,  
setembro 2009

O seguro de assistência ao domicílio é  
um seguro de cobertura parcial. Pagas  
dinheiro para que a tua assistência ao  
domicílio fique parcialmente coberta  
mais tarde. Mas não é suficiente.  
Precisas ou de dinheiro ou de familiares,

normalmente filhos, para tratarmos de  
ti. E é por isso que as pessoas sem filhos  
pagam mais. Porque não têm filhos que  
possam tomar conta deles. É lógico, não  
é? E o que é que fazes se não tiveres  
nem dinheiro nem filhos? Então não  
tens nada. O dinheiro do seguro de  
assistência ao domicílio nunca é sufi-  
ciente. Precisas ou de familiares ou de  
um molho de notas para o futuro.  
Ensaio de 15.10.2009, Fanni explica  
aos colegas o seguro de assistência ao  
domicílio

Melhor fora / Que não tivesses nascido  
do que não me teres agradado melhor.  
Rei Lear à sua filha Cordélia

Tenho de encontrar o meu papel em  
*Lear*, *Lear* sem discussão não é *Lear* e  
eu não aguento discussões. Pena!  
De um e-mail de Manfred para Mieke,  
setembro 2009

E depois eu estrago tudo ao dizer uma  
coisa estúpida como amo-te.  
Frank e Nancy Sinatra

Ao peso deste tempo triste temos de  
obedecer, / Dizendo o que sentimos, não  
o que devíamos dizer.  
Da passagem final do *Rei Lear*  
de Shakespeare

## Entrevista com She She Pop Theatertreffen 2011

*Lear goes She She Pop*

A primeira vez que vi um espetáculo  
de She She Pop, *Homestory*, em 2002,  
estava mal de amores. Nada me ajudou  
mais a contrariar esses sentimentos de  
frustração do que ver este espetáculo.  
Raras vezes me senti tão bem com-  
preendida em todas as dores de ter de  
atravessar o dia sozinha e a motivar-  
me constantemente para fazer alguma  
coisa, tal como as sete mulheres do  
grupo She She Pop e o único colega  
masculino incorporado no seu coletivo  
feminino, Sebastian Bark.

Ainda me consigo lembrar de uma  
cena, que era um exagero maravilhoso  
do desejo de rastejar para um buraco  
e da busca de proteção contra todas as  
aguras de ter de cultivar uma imagem:  
“A partir de hoje”, anunciou a *performer*  
Ilia Papatheodorou, “já não quero ter, só  
quero ser”. Decidira assumir a existên-  
cia de uma colcha e de seguida iniciou  
um monólogo tapada com a roupa da  
cama acerca do seu alívio por não ter de  
arranjar uma identidade a cada dia.

Por esta altura as She She Pop não  
eram propriamente conhecidas por  
apaparicar o seu público com simpatia  
e compreensão. A sua tendência para se  
porem do lado mauzinho, torturando  
um pouco o público através da obser-  
vação intensa, do juízo e até do castigo  
(tal como ser obrigado a colocar uma  
máscara em forma de rabo) desempe-  
nhava um papel não insignificante na  
reputação do grupo, que se formou nos

anos 90 no Departamento de Estudos  
Teatrais Aplicados da Universidade de  
Giessen.

Os seus espetáculos eram de facto um  
pouco assustadores. Todo aquele ajuste  
de contas implacável com a posição  
voyeurista em que os espectadores se  
costumam instalar confortavelmente  
era uma das qualidades em destaque nas  
*performances Live!* (em 1999) e *Bad* (em  
2002).

“O facto de trabalharmos de forma  
muito confrontacional, direta e discursi-  
va tem algo a ver com a nossa história  
como coletivo de mulheres”, diz Ilia  
Papatheodorou, que veio à entrevista  
juntamente com Mieke Matzke. Foi a  
experiência de ser olhada comparati-  
vamente, de ser julgada e categorizada  
enquanto mulher e artista feminina  
no contexto de um projeto escolar que  
provocou a faísca inicial para a criação  
das She She Pop.

“Quem dança melhor, quem é a mais  
engraçada, quem é a mais gorda, quem é  
a mais espontânea – no palco as mulhe-  
res são, muito mais do que os homens,  
sujeitas a um olhar voyeurista. Como  
forma de contra-atacar, apontámos as  
luzes para onde o público estava sentado  
e devolvemos o olhar.” Especialmente  
porque as She She Pop mantêm uma  
perspetiva feminista, é ainda mais sur-  
preendente que tenham sido convidadas  
para o Theatertreffen [festival de Berlim  
que apresenta as dez produções mais  
notáveis do ano anterior] com uma peça  
em que aparecem em cena com os seus  
pais e examinam de perto o contrato  
entre gerações. Pouco depois da estreia  
em Fevereiro de 2010, *Testament* –

*Preparações tardias para uma nova geração a partir de 'Lear'* foi convidado por teatros e festivais. Com frequência crescente, as filhas tiveram de ligar aos pais e marcar espetáculos conjuntos.

Este sucesso surpreende as She She Pop? Nem por isso, diz Mieke Matzke, porque mesmo quando a peça ainda estava na fase de concepção, repararam na força inerente ao material como algo com que muita gente se podia identificar. “As pessoas vieram ter connosco de todo o lado com as suas histórias sobre os pais.” Mas *Testament* também se tornou uma obra tão impressiva porque relata os problemas experimentados durante os ensaios, dúvidas e falhas de compreensão. As discussões durante os ensaios entre as filhas e os pais, que ameaçaram acabar com o projeto, foram gravadas e são agora transmitidas aos atores através de auscultadores. A forma como os *performers* repetem tranquilamente as palavras, ora insistindo no seu ponto de vista inicial ou distanciando-se dele nas suas observações, constitui algumas das cenas mais incríveis da peça. O pensamento torna-se audível, visível, palpável.

Para as *performers*, abrirem-se à crítica da sua arte por parte dos pais foi um enorme desafio. Isto foi especialmente difícil porque estes pais não eram broncos conservadores e autoritários mas sim *soixante-huitards* bastante cultos de classe média, com grandes expectativas relativamente à capacidade das suas filhas para se emanciparem e realizarem.

Como espectador, tem-se a sensação de que os pais e as filhas são de

facto muito mais próximos do que eles acham. Mas precisamente porque os seus conflitos não são negociados de forma estereotipada, mas antes concretamente pormenorizados, a honestidade das posições individuais é comovente.

A comparação destas experiências autobiográficas com o *Rei Lear* de Shakespeare – a história do velho rei que não se consegue organizar de forma a entregar o poder e a riqueza às suas filhas – é produtora de tensão. She She Pop usa este material para abordar várias coisas que qualquer pessoa com pais idosos tem de enfrentar: Quem vai ajudar, quando precisarem de apoio? Quanto da vida individual se está disposto a investir no cuidado a prestar-lhes? Como é que os irmãos veem a divisão do amor parental e a herança dos pais?

Os cálculos (quanto vale uma hora de amor parental em euros?) e casos exemplares que She She Pop usa para explorar estas questões são divertidos, por um lado, especialmente porque são normalmente apresentados de forma muito seca. Por outro, revelam a falta de uma linguagem para abordar estas questões sem que uma das partes saia magoada.

A experiência que têm as She She Pop de criar imagens narrativas simultaneamente simples e complexas vem em seu auxílio em *Testament*. No início, apontam-se à cara dos pais pequenas câmaras de vídeo, que são projetadas dentro de três grandes molduras – começando já a estabelecer um estilo característico da representação régia. É precisamente aqui, mais tarde, que as filhas colocarão

coroas de cartão e usarão as camisas dos pais, que passaram pela humilhação de se despirem.

No final, as três molduras apresentam um motivo quase barroco de *vanitas* com tulpas e maçãs, por baixo das quais as filhas, os pais e um filho jazem uns em cima dos outros em camadas – uma confirmação da ligação entre eles para além de todas as questões discursivas. Também é uma antecipação da mortalidade que os une. Isto é She She Pop, e isto é Shakespeare no seu melhor.

Hoje em dia, a maior parte dos elementos do coletivo está perto dos 40 anos. Ilia Papatheodorou trouxe o seu filho bebé para a entrevista. Os ensaios agora têm de ser coordenados com a assistência a sete crianças pequenas.

A perplexidade e desespero deste papel duplo enquanto mães e artistas foram o motor de muita da comédia no seu espetáculo *7 Schwestern* [7 Irmãs], que antecedeu *Testament* e levantou questões feministas de forma mais explícita do que peças anteriores. “Agora que temos as nossas próprias famílias e enfrentámos os conflitos com os nossos companheiros, a experiência de discutir sobre quem faz o quê e quando com os miúdos adquire um papel importante”, diz Ilia. E Mieke acrescenta: “Quando estávamos a ensaiar *7 Schwestern*, a discussão surgiu de novo: Onde é que nos posicionamos realmente? Podemos mesmo falar de ter conseguido alguma coisa, cumprido os nossos objetivos? Ou porque é que emperramos a tantos



© Doro Tuch

níveis, porque é que há tantos que estão escondidos?”

As She She Pop nunca quiseram começar o seu próprio teatro. Acharam que estavam em boas mãos com os seus parceiros de coprodução, Kampnagel em Hamburgo, Hebbel am Ufer em Berlim e o FFT Düsseldorf. Importante para elas no seu processo foi serem capazes de manter a autonomia do coletivo e dos seus projetos. “Porque não abríamos mão da nossa perspetiva feminista e de coletivo, fomos muitas vezes acusadas de estarmos paradas nos anos 70”, diz Mieke Matzke, “mas hoje há uma atenção renovada e interesse político sobre estes conceitos, também em termos do seu potencial utópico. Trabalhar em coletivo também significa criar um tipo de obrigação diferente entre nós, que vai para lá da interação.”

A propósito de utopia, em 7 *Schwestern* três das crianças pequenas em idade pré-escolar aparecem numa projeção como se tivessem estado a brincar num quarto dos fundos do teatro o tempo todo. No final é-lhes dada a tarefa de desenvolver uma utopia. “Se alguém vos perguntar onde vão, digam ‘para Moscovo, para Moscovo’”, explica-lhes Sebastian Bark, enfiando-as em anoraques e mandando-as para a rua, noite escura.

Por um lado, isto é uma citação das *Três Irmãs* de Tchékhov, a que o espetáculo se refere continuamente ao explorar a questão da maneira certa de viver. Por outro lado, a imagem de crianças pequenas na rua à noite transmite vincadamente o medo contemporâneo de já não ter utopias, de ser comple-

tamente incapaz de pintar um retrato positivo do futuro. E também o medo de expor os próprios filhos a uma terrível incerteza.

Na verdade, é drama de alto calibre – mas enfiado numa imagem pequenina, como se esta palpitante preocupação precisasse de ser cortada à medida, para continuarmos a ser capazes de funcionar. E no fim de contas a arte de She She Pop reside nesta capacidade de identificar especificamente o pensamento vago.

Katrin Bettina Müller  
*Tageszeitung*, 29 de abril de 2011

## Tudo sobre as She She Pop

She She Pop é um coletivo de *performance* fundado em finais dos anos 90 por licenciadas do programa de Estudos Teatrais Aplicados em Giessen. Os seus membros são Sebastian Bark, Johanna Freiburg, Fanni Halmburger, Lisa Lucassen, Mieke Matzke, Ilia Papatheodorou e Berit Stumpf. Elke Weber faz a produção da companhia a partir do escritório na Mariannenplatz em Berlim.

Para as She She Pop o palco é um espaço onde se tomam decisões, onde se testam várias formas de diálogo e sistemas sociais, e onde se aprendem ou descartam gestos grandiosos e rituais sociais. As She She Pop veem como sua missão explorar as fronteiras sociais da comunicação – e transgredi-las de forma deliberada e artística na proteção do espaço teatral.

As She She Pop têm uma estética e perfil ideológico específicos.

**Os nossos espetáculos são desenvolvidos em coletivo.** Não há encenador – mas também não há autor nem atores. Os textos e conceitos são desenvolvidos em conjunto. A nossa compreensão do espetáculo enfatiza ao mesmo tempo a responsabilidade artística de cada *performer* individual. Para nós, a autoria é portanto menos um sucesso individual e mais uma resposta à pergunta: quem é responsável por este texto, esta ação que tem lugar neste momento em palco? Esperamos que as decisões individuais tomadas em cena, bem como a glória e o fracasso da *performance*, sejam portanto, neste contexto, mais compreensí-

veis e relevantes para o público. Tirando os espetáculos em si – mas também nas melhores partes de cada apresentação – definimos o trabalho artístico enquanto coletivo como sendo o nosso maior e mais fatal desafio.

**Não somos atrizes.** Ao invés disso, damo-nos a nós e aos outros tarefas interessantes para cumprir e resolver em público e em cena. Cada *performer* desenvolve a sua própria perspetiva sobre o material baseando-se no seu horizonte pessoal de experiência. Isto é interpretado por alguns como teatro autobiográfico. No entanto, as referências que fazemos às nossas próprias vidas são na verdade um método e não o conteúdo do nosso trabalho. Condensamos o nosso material pessoal numa estratégia artística reconhecível e em posições exemplares estilizadas. O que é familiar torna-se estranho, monstruoso. Ultimamente, isto também tem funcionado ao contrário: em alguns dos nossos espetáculos recentes, adaptámos textos monstruosos bem conhecidos do cânone literário usando este mesmo método autobiográfico.

**She She Pop é um coletivo feminino.** A existência de elementos e colaboradores masculinos é de somenos importância para este facto. Poderá ser também por esta razão que questões como as da capacidade e incapacidade de atuar, as constelações do olhar e as estruturas de poder estão inseparavelmente ligadas ao nosso trabalho. O ato de nos apresentarmos a um público enquanto grupo de (na maioria) mulheres – por incrível que pareça – é para nós uma e outra vez objeto de reflexão e observação no palco e por trás dele.

**A nossa forma de teatro é experimental.** Por outras palavras, exploramos os princípios básicos da comunicação teatral. Em cada espetáculo, fazemos novos acordos entre as *performers* e o público – e é precisamente isto que consideramos ser a nossa arte. Para o conseguir, as She She Pop reconstruem com frequência situações familiares e quotidianas onde entreter e iluminar estão preocupantemente lado a lado. Os nossos espectadores podem encontrar-nos por exemplo no círculo profusamente iluminado de um grupo de apoio, no salão de baile, à volta da fogueira, num encontro às cegas à luz das velas, na *passerelle* ou numa arena desportiva improvisada. O pingue-pongue entre participação e recuo, controlo e intensificação, desobediência e dedicação molda com frequência a dramaturgia de um serão com as She She Pop. Mesmo que as interações individualizadas com os espectadores já não desempenhem um papel nas peças recentes das She She Pop, isto não quer dizer que o público não desempenhe um papel concreto no espetáculo e não lhe seja dada uma função específica. Todas as peças das She She Pop são à sua maneira configurações experimentais ou linhas argumentativas, que perderiam a validade sem testemunhas.

[www.sheshipop.de](http://www.sheshipop.de)

## Próximo espetáculo

### Hugo Carvalhais Trio

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



**Jazz Dom 6 de julho**

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3

Em trio podemos continuar a reconhecer as linhas de força da escrita de Carvalhais, designadamente a elegância formal do jazz europeu, a mutabilidade do rock progressivo, a complexidade da música contemporânea e a visceralidade do *free jazz* original.

## Próximo espetáculo de teatro

### The Future Show

O Espetáculo do Futuro de Deborah Pearson

### what happens to the hope at the end of the evening

o que acontece à esperança ao fim da noite de Tim Crouch e Andy Smith

**Teatro Qui 25, sex 26, sáb 27 de setembro**

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração total: 2h · M12

Uma sessão dupla reúne estes espetáculos conceptuais, melancólicos e talvez esperançosos: na primeira hora Pearson conta o seu futuro desde o fim da peça até ao fim da vida; na segunda hora, Crouch e Smith são dois amigos tão distantes que parecem estar em espetáculos diferentes.

## Conselho de Administração

### Presidente

Álvaro do Nascimento

### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

### Assessores

#### Dança

Gil Mendo

#### Teatro

Francisco Frazão

#### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

### Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

### Direção de Produção

Margarida Mota

### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

#### Culturgest Porto

Susana Sameiro

## Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

## Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

# Culturgest, uma casa do mundo

---